

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NEGRO EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A ARTE OLEIRA E OS FIOS DA MEMÓRIA

Elinalva Roseno dos Santos Silva de Abreu
Especializanda em Ciências da Linguagem em EaD – UFPB VIRTUAL

INTRODUÇÃO

Tenciono apresentar uma breve reflexão acerca da produção literária da escritora Conceição Evaristo, e a partir da visão dessa autora e com a finalidade de fundamentar um debate sobre a cultura da mulher negra, e sua contribuição para a Literatura repensar a condição feminina a partir da peculiaridade e especificidade apresentada pela subjetividade dela e realizar a produção de novos paradigmas pertinentes às questões de gênero e raça. A partir dessa perspectiva é possível enxergar a experiência da inserção feminina negra sobre outra ótica que não a de eterna submissão ou estereotipia, mas sim em uma luta diária pela sobrevivência na qual reinventam a própria identidade. Assim, buscamos pela discussão de fundamentos teóricos-críticos que permeiam essa escrita afro-feminina apresentar a nova construção identitária na Literatura considerando a diáspora, no Brasil. Pretendo ainda apresentar, uma breve reflexão de como é representado o sujeito mulher-negra na obra eleita- *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, visto que parto do entendimento de que esta traz, de maneira contundente, em seus escritos as marcas do feminino, além de uma crítica social às relações do poder falocêntrico, branco, colonial pelas quais é (ou foi), submetida em nosso país à mulher negra.

Tecendo os fios da memória: por uma breve análise de *Ponciá Vicêncio*

A obra *Ponciá Vicêncio* foi escrita no ano de 2003. Considerada pelos estudiosos de produções literárias sob perspectiva das relações étnicorraciais, como uma obra inovadora, pois trata-se de um romance, no qual a autora desvela a identidade negra, visto que sua narrativa exerce a função de delineadora de uma história para mulheres negras, baseada na memória como modo de ressignificar em específico, os aspectos da experiência feminina. Neste romance ímpar a autora usa de toda sensibilidade para tecer a narrativa de modo que se rompa com os estereótipos negativos atribuídos ao negro, e, em especial com relação à mulher negra, pois estes são

resquícios de toda ideologia preconceituosa propalada por meio da literatura e da sociedade, de forma velada ou explícita, tanto no passado quanto na contemporaneidade.

Em *Ponciá Vicêncio* (2003), narrativa não linear marcada por seguidos cortes temporais, que engloba duplo foco de visão, uma vez que passado e presente se imbricam, visto que rememorando e refletindo sobre o que se passou a escritora explicita um embate entre sujeito, sociedade, cultura e o Outro com o objetivo de modificar o conhecimento do passado e rever toda a simbologia da nação, no que se refere à mulher negra e ao seu constructo identitário.

A escrita de uma mulher negra, em geral, desafia e evidencia os laços históricos que amarram as relações e práticas sociais no Brasil. A obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, promove uma releitura de nossa própria história como afrodescendentes à medida em que narra, de modo não linear da infância à fase adulta, a trajetória da protagonista Ponciá, menina e depois mulher negra, em busca da reconstituição de seus elos familiares, memória e identidade contada a partir de uma trama narrativa, na qual o passado é apresentado por meio das reminiscências da autora-protagonista-narradora no presente.

Assim, o passado é tecido na obra, resultando em um olhar sobre a história, que é rememorada no presente: um olhar que constrói os processos de formação identitária vivenciados pela protagonista como mulher negra. A narração acontece em terceira pessoa, e através dos eventos narrados, em discurso indireto livre vivenciamos junto à personagem central suas incertezas, conflitos, descobertas, imaginação, vitórias, partidas, vazios e a grande ausência final antes do reencontro com os seus e consigo mesma. Ponciá é o marco de referência de toda narrativa, o núcleo em torno do qual circulam os demais elementos que conduzem o enredo ao seu desfecho.

Conforme Araújo (2007,p.42), pela narrativa da obra:

Ponciá Vicêncio consolida a voz das escritoras afro-brasileiras na tradição literária do país, materializando também uma narrativa marcada por um sujeito étnico e feminino que retorna a história, através da memória e testemunho, e se torna perene na ficção brasileira.

Assim podemos baseados na afirmação da pesquisadora dizermos que tanto o romance quanto a protagonista, em si, representam mediante a escrita de Evaristo, um elo entre uma história marcada pela escravidão, preconceito e marginalidade social que perdurou ao tempo, uma vez que permanecem vivos na memória coletiva dos

afrodescendentes e da sociedade como um todo e um marco do embate contra o racismo e sexismo que ainda predomina em nosso país.

A escritora traça a trajetória da protagonista e realiza a análise de todas suas experiências sentimentais, seus afetos e desafetos e seu relacionamento com a família e os amigos. Discute também a questão da identidade de Ponciá, visto que esta converge em direção à herança identitária do Vô Vicêncio, que foi contemporâneo do antes e depois da abolição, mas que não experimentou a liberdade.

Em seu livro a autora Conceição Evaristo por meio das reminiscências da personagem principal denuncia as insatisfações com o pós-abolição, porque Ponciá se sente indignada com o fato de sua família e de outras da vizinhança compartilhar o mesmo ritmo de trabalho do período da escravidão. E, a isto se acresce o fato de narrar que tanto o pai quanto o avô da protagonista não vivenciaram o verdadeiro sentido de liberdade, o qual se acreditou como fim da escravidão, uma vez que eles continuaram aprisionados até a morte, de alguma forma, as terras em que o avô fora escravizado. O texto assim realiza um diálogo entre passado e presente, lembrança e vivência, além do real e imaginado.

Araújo (2007, p.42), assim afirma acerca da obra:

Ao publicar *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo se alia ao veio da literatura afro-brasileira iniciado com a publicação de *Úrsula*, em 1859. Ao contar, sob a perspectiva da narradora-protagonista Ponciá Vicêncio, a trajetória dos afro-brasileiros, ex-escravos e de seus descendentes, que, como a própria Ponciá, saem em busca de seus familiares, de sua cultura, de sua identidade – uma trajetória marcada por um círculo de perdas, lacunas e vazios – a escritora reinaugura uma narrativa que se contrapõe ao idealismo romântico e ao abolicionismo branco do século 19, [...].

***Ponciá Vicêncio*: o feminino negro como símbolo de resistência a discriminação racial e social**

A desilusão com o pós-abolição da escritora é notória, pois através da figura feminina, na personagem Ponciá, Evaristo exprime toda a indignação no referente a pouca ou nenhuma possibilidade de transformação na vida dos negros, mesmo a época que sucedeu tal evento. Desta forma, o discurso da autora através da figura de Ponciá é, simultaneamente, de denúncia e total descontentamento diante de uma história que não apenas inviabiliza uma vida digna ao povo negro, como ainda se torna repetitiva pela discriminação racial e social, pelas quais estes são vitimados desde a escravidão.

Por ser descendente de escravos africanos, a protagonista surge despojada de um nome de família, visto que o "Vicêncio", que todos os seus usam como sobrenome era do antigo dono da terra. E isto, junto ao fato de não se acostumar ao próprio nome afligia-lhe o corpo como lâmina afiada e acerca disto ela se indignava. Observemos em Evaristo (2003, p. 29):

...não se acostumava ao próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso [...]. sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, [...]. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. [...] Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono.

Acerca disto, podemos dizer consoante Hall que, as relações sociais e culturais estão relacionadas com o processo de identificação que se apresentam de uma forma consciente ou inconsciente no ser humano, estando estreitamente ligados com o sistema de representação. Assim “esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2005, p.9). Tal marca de subalternidade, que evidencia a ausência entre os remanescentes de escravos dos mínimos requisitos de cidadania, estende-se pelo doloroso circuito de vazios e derrotas, dentro do qual tanto a menina quanto a mulher Ponciá vão sendo afastadas dos entes queridos e de tudo o que possa significar “enraizamento identitário” (DUARTE, 2006, p.) numa espécie de ostracismo psicológico.

Conforme Duarte (2006), a “marca da subalternidade” designada pelo fato de se usar o sobrenome dos senhores para denominar os escravos é um reflexo dos mínimos resquícios de cidadania dados aos escravizados e, por conseguinte a seus descendentes. E essa prática foi usada de forma intensa pelos senhores, cuja técnica objetivava assegurar seu direito de posse sobre seus cativos ainda mais. Em seu artigo intitulado “Heranças da Escravidão na narrativa *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo” (2010), Viviane C. M. Stringhini afirma que:

Ponciá mora com sua família na vila Vicêncio, assim como outros descendentes africanos. Vicêncio é o nome do coronel que, além de ser o proprietário das terras para quem o pai e o irmão de Ponciá trabalham, é o dono do sobrenome dos

habitantes da vila. O fato de todos levarem o nome do coronel representa a superioridade e a ideia de “posse” do branco sobre o negro. As relações entre senhor e escravo caracterizam-se pela tendência à reificação e alienação do escravo visto pelo seu dono como objeto, um acessório da terra, um animal humano.

No livro *Memórias do Cativo...*, de Ana Lugão Rios e Hebe Mattos através de pequeno trecho de depoimento, no qual as pesquisadoras, pela narrativa oral de descendentes de ex-escravos, apresentam através de suas lembranças, baseadas na convivência com os antepassados, como estes entendiam o que era ser escravo, e, especialmente, acerca da maneira como eles percebiam o fato da nomeação, deles e dos outros, com os sobrenomes dos seus senhores. Observemos em Rios e Mattos (2005, p. 91):

Escravo que nascesse na propriedade deles levava o sobrenome deles, mais para constar que era propriedade deles, só, era só para constar que era uma propriedade deles. Era mesmo como um animal. Fica jogado, trabalha, come no cocho, essas coisas, apanha quando o dono está nervoso, quando os negócios não correm bem [...] (Pedro Francisco Prudente, SP, 73 anos, 5/9/1987).

As citações são relevantes, visto que, inicialmente, exprimem a ausência de direito do escravo do poder de decisão sobre o próprio nome. E ainda, porque isto implica em uma tentativa de anulação de sua identidade, pois quando o senhor lhe atribuía seu sobrenome, além de fazer de homens e mulheres parte de suas posses como terras e gado, por exemplo, os impossibilitavam de reencontrar através dos seus nomes uma ancestralidade e uma história, que para estes fosse significativa. E, embora houvesse o compartilhamento de sobrenome, isto não significava o estabelecimento de relações de parentesco entre eles, como reforça em seu depoimento o descendente de escravos Pedro Francisco, uma vez que, os africanos sequestrados de África e aqui submetidos a toda crueldade do sistema escravocrata, continuavam entregues a própria sorte.

A protagonista esperançosa por saber ler e escrever resolve partir com o intuito de buscar dias melhores na cidade, onde acabou como empregada doméstica na casa de pessoas ricas, na qual desterritorializada, logo depois mora em uma favela e vegeta ao lado de um marido, que além de não compreendê-la a agride fisicamente. Sua descendência de escravos, e toda exclusão social intrínseca a esta condição, vai sendo confirmada pela vida difícil, pelos sonhos destruídos, devido á discriminação e

marginalização que vitimou tanto a Ponciá, quanto aos seus familiares, pois o passado africano continua a reger sua condição sociocultural. E sua trajetória do espaço rural para o urbano é tão somente um reflexo da característica diaspórica dos negros escravos. Vejamos a passagens em que a personagem fez a viagem de trem para a cidade. Consoante Evaristo (2003, pp. 36-43):

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, [...], ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim de traçar o seu destino. [...]Estava feliz, sabia ler. Aos poucos, Ponciá foi se adaptando ao trabalho. Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade.

Neste momento ressalta-se mais uma vez o descontentamento da autora em relação ao pós-abolição, porque o estudo de Ponciá pouco lhe serviu e ela representa no romance um “sujeito étnico, com as marcas da exclusão inscritas na pele, a percorrer nosso passado em contraponto com uma história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial” (DUARTE, 2006, p. 308). E que maneira ela encontra para sobreviver a tanta desgraça?Devanear através do rememorar. Sua evasão do mundo real se acentua mais após perder os sete filhos que gerou, já que Ponciá através dos pensamentos-lembranças cai em uma letargia que a leva ao esquecer e ao rememorar dentro de si mesma. Vejamos em Evaristo (2003, p.53):

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos.

Ponciá é a guardiã da memória familiar, ao rememorar a escravidão e as histórias doridas do avô, do pai nascido durante a vigência da Lei do Ventre Livre, da mãe, do povo da Vila Vicêncio evocadas nos seus devaneios recupera uma dor que é individual, coletiva, moral e física. A terra, um atenuante para a fome da menina, se

torna matéria-prima para a afirmação da mulher. No reencontro com a mãe Maria Vicêncio e o irmão Luandi no final se põe fim à errância sofrida pela personagem em seu desterro na cidade grande. A força e o poder das mulheres são evidenciados no romance, mesmo quando há uma aparente fragilidade ou mesmo quando as mulheres sofrem até um visível domínio, como no caso da prostituta Biliza, nas mãos do cafetão, já que só a morte desta acaba com seus sonhos e determinação. O pai de Ponciá, mesmo reclamando seguia as orientações da mãe de Ponciá, Maria Vicêncio. E temos ainda Nêngua Kainda, uma velha mulher que era a conselheira do grupo. No romance se apresenta as dores, as angústias, as violências e a solidão que as mulheres sofrem, mas concomitantemente também as representa em busca da vida, por meio do eterno ato de se reconstruir que elas executam em seu cotidiano. Segundo Duarte (2006, p. 308):

o texto de *Ponciá Vicêncio* destaca-se também pelo *território feminino* de onde emana um olhar outro e uma discursividade específica. É desse lugar marcado, sim, pela etnicidade que provém à voz e as vozes-ecos das correntes arrastadas. Vê-se que no romance fala um *sujeito étnico*, [...] Mas, também, fala um *sujeito gendrado*, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela vítima de olhares e ofensas nascidas do preconceito. Esse ser construído pelas relações de gênero se inscreve de forma indelével no romance de Conceição Evaristo, que, sem descartar a necessidade histórica do testemunho, supera-o para torná-lo perene na ficção.

Através dos hiatos de racionalidade da personagem principal, Conceição Evaristo objetiva ampliar o dano psicológico experimentado por Ponciá, como uma questão bem além do “enraizamento identitário”, porque quando ela retorna as histórias de sua família, dela mesma, e, por conseguinte, da comunidade da Vila Vicêncio, tenta apenas assegurar a existência do passado como um meio de reconstruir os sonhos, de encontrar um bom emprego na cidade, de comprar uma casa em que pudesse morar com a mãe Maria Vicêncio e o irmão Luandi, que foram destruídos sem ter se concretizado. Vejamos isto em Evaristo (2003, p. 19):

Ela gastava todo o seu tempo com o pensar, com o recordar. Relembrar a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de

Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto!

Novamente, destacamos que a autora denuncia a opressão social vivenciada pelo povo negro, através da divagação e apego pelo passado de Ponciá e desesperança de um futuro melhor, já que este retorno e ostracismo no já vivido, a lembrança das canções usadas como meio de ligação a ancestralidade africana, a explicação do desconhecimento pelos jovens da língua falada pelos antepassados têm o intuito de produzir uma história para os negros, na qual se preencha os vazios deixados pelo sequestro em África e apagamento pela escravidão do ser, transformado em objeto de compra e venda.

Convém, ressaltarmos que este nosso trabalho não desconhece que toda obra literária esta inserida dentro de um contexto social, cultural e histórico. A autora Conceição Evaristo ao escrever sua obra apresenta Ponciá como pertencendo à segunda geração de libertos, já que seu pai nasceu durante a vigência do Ventre Livre e Vô Vicêncio foi alforriado. O livro da autora brasileira *Ponciá Vicêncio* é de 2003 e, mesmo passados mais de cem anos do fim do período escravocrata, ela ainda reivindica através de suas personagens e de sua obra, uma história para os negros, que desconstrua aquela história tendenciosa, que fizeram sobre o negro como o Outro, o inferior, o olvidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba/CCHLA, 2007. Disponível em <http://WWW.cchla.ufpb.br/posletr/Teses2007/Flavia.pdf>. Acesso em 24 dez. 2008

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, n.1, v.14, jan/abr. 2006, pp.305-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>? . Acesso em: 5 fev. 2010.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por ela mesma**. In: Portal Literafro. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, pp. 1-6.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomás T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000, pp.108-109.

RIOS, Ana Lugão & MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativo**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

STRINGHINI, Viviane C. M. **Heranças da escravidão na narrativa Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo**. Revista Literatura e Autoritarismo. [on-line]. Dossiê nº 4, 2010, novembro 2010. Disponível em: www.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie04/art_06.php . Acesso em: 10 jun 2011.